

**Trabalho de campo na Geografia como método de pesquisa e ensino:
Perspectivas através de diferentes óticas**

Fieldwork in Geography as a research and teaching method: Perspectives from different perspectives

Karine da Silva Pena¹
Carolina Alvarenga de Carvalho²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discorrer acerca do trabalho de campo como uma ferramenta para pesquisas geográficas e também ensino em sala de aula. Através de pesquisas bibliográficas, o trabalho de campo será analisado pela ótica de diferentes autores, observando suas perspectivas e opiniões acerca desse método.

Palavras-chave: Trabalho de campo. Ferramenta. Geografia. Ensino. Pesquisa.

Abstract: The present work aims to discuss fieldwork as a tool for geographic research and also teaching in the classroom. Through bibliographical research, the fieldwork will be analyzed from the perspective of different authors, observing their perspectives and opinions regarding this method.

Keywords: Fieldwork. Tool. Geography. Teaching. Search.

Introdução

Ao abordar o tópico trabalho de campo, muitos são os adjetivos que podem ser relacionados com o tema: busca, experimento, pesquisa, conhecimento, interação, vivência e vários outros. Considerando que o trabalho de campo é uma ferramenta para a coleta de dados, um recurso metodológico e também uma alternativa no processo produtivo de pesquisas e ensino, torna-se possível a compreensão da razão pela qual muitas são as palavras que se vêm em mente ao abordar tal prática.

Mesmo sendo um aspecto da Geografia muito abordado na contemporaneidade, o trabalho de campo possui uma relação intrínseca com as ciências geográficas há mais de séculos. Segundo Alves (1985), essa ferramenta

¹ Licencianda em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: karine.d.pena@ufv.br.

² Licenciada e bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Professora da rede estadual de Minas Gerais e da rede municipal de Viçosa. E-mail: carolina.alvarenga@educacao.mg.gov.br.

sempre foi relevante para os geógrafos, e ao analisar a história do pensamento geográfico nota-se que “a prática da observação tornou-se um recurso imprescindível para os geógrafos das mais distintas gerações e nacionalidades” (p.85). Um exemplo desse cenário foi a atuação de Alexander Von Humboldt, geógrafo nascido em meados do século XVIII, pois durante suas diversas viagens o mesmo utilizava-se da observação para buscar compreender a paisagem observada, a análise dos lugares visitados de perto sendo a base para suas obras.

Nessa perspectiva, nota-se que a Geografia e o trabalho de campo, desde suas gêneses, caminham lado a lado. Todavia, com o passar dos séculos, transformações e avanços atingiram as diversas ciências e, nesse cenário, métodos puderam sofrer mudanças. Dessa forma, ao afirmar que o trabalho de campo segue sendo uma ferramenta de suma importância mesmo após tanto tempo e possíveis remodelações, propõe-se aqui uma análise acerca de suas características e relevância atuais, não apenas para pesquisas geográficas, mas também para o ensino.

Reflexões acerca do trabalho de campo

Como já citado na introdução do presente trabalho, o trabalho de campo está correlacionado e contribuindo com a geografia desde sua gênese, iniciando-se já com viagens exploratórias e, por conseguinte, auxiliando na produção de conhecimento através de observações e descrições, por exemplo. Nessa perspectiva, Hissa e Oliveira (2004) afirmam a importância em refletir teoricamente acerca desse método da geografia, seus significados, naturezas e também papéis como, por exemplo, para a produção de conhecimento.

Seguindo essa linha, Hissa e Oliveira (2004) iniciam sua reflexão expondo que a observação realizada no campo, denominada de direta, é uma ferramenta indispensável para que o geógrafo consiga realizar seu trabalho, aprofundando-se nessa afirmação ao discorrer, primeiramente, acerca da imagem, superfície e olhar. Segundo os autores, “não há a imagem em si mesma: as imagens são os olhos que vêem as imagens (...) são representações,

portanto” (p. 33), além de que “os olhos são, por sua vez, mediadores do processo de interpretação do que se vê (p. 33). Nessa linha, as imagens que compõem as superfícies podem estar invisibilizadas por alguma razão, e o exercício do olhar poderia clareá-las.

Mais adiante, os autores socializam suas visões acerca de descrições; para estes, o sujeito, ao estar diante de um objeto, precisa observar tal, podendo fazê-lo através de interpretação, explicação e descrição. Esta última, sendo a mais básica de todas, sendo uma prática que se encontra intrínseca às tradições da geografia, assim como indispensavelmente presente nos trabalhos de campo. Isso ocorre porque, para Hissa e Oliveira (2004), as descrições “evocam imagens necessárias à compreensão do que se focaliza (...) se apresentam como possibilidades de iluminação das superfícies, para que, mais adiante, leituras mais complexas possam ser realizadas” (p. 37).

Por fim, após discorrer acerca desses tópicos que se relacionam com a atuação de um geógrafo em um trabalho de campo, Hissa e Oliveira (2004) reafirmam a relevância de tal método, pois esse “trata-se de uma possibilidade de compreensão dos lugares, das paisagens (...) desde que acompanhados de referências teóricas, podem constituir-se de indispensável instrumento da ampliação das perspectivas conceituais” (p. 38). Todavia, reforça que ir a campo não se baseia apenas em se deslocar para locais e buscar descrever o que se vê, mas também se necessita interpretar e representar. Acrescentando as afirmações até então feitas, os autores finalizam sua reflexão acerca do trabalho de campo socializando a ideia de que essa ferramenta necessita também ser vista como um ator de transformações e, para além de um trabalho prático, também precisam ser discutidos de forma teórica.

Importância do trabalho de campo para pesquisas geográficas

Como visto até o momento, o trabalho de campo constitui-se como uma das ferramentas mais antigas dos geógrafos, nascendo com viagens de exploração visando busca de conhecimento e conquista, antes mesmo do

processo de sistematização da geografia como um conhecimento geográfico (Hissa; Oliveira, 2004). Todavia, com o avanço da modernização no meio científico e o surgimento de novas técnicas, como as laboratoriais, por exemplo, a relevância do trabalho de campo como ferramenta para o trabalho dos geógrafos passou a ser questionada; se um determinado local pode ser analisado através de *softwares* em um laboratório, para que serviria se deslocar até esse mesmo lugar para analisá-lo com seus próprios olhos?

Nessa perspectiva, um mergulho dentro de bibliografias referentes à importância do trabalho de campo pode auxiliar na resposta do questionamento anteriormente citado. Iniciando com Alves (1997), este afirma que o trabalho de campo pode contribuir para a indicação de novos caminhos que, por conseguinte, podem auxiliar na obtenção de novas interpretações acerca daquela realidade estudada, isso ocorrendo na medida em que o geógrafo, em campo, pratique o exercício de observação em concomitância aos exercícios de refletir e sentir. Para melhor ilustrar tais afirmações, o autor discorre acerca de um campo vivido pelo mesmo no ano de 1997, assim como suas experiências e reflexões.

Ao ingressar no programa de pós-graduação do Departamento de Geografia da USP, Alves iniciou estudos voltados para a modernização do espaço agrário da região Sul do Piauí. Entretanto, ao longo do curso e de uma série de leituras, o autor concluiu que apenas estas não abrangiam toda a realidade da região estudada, resolvendo assim realizar um campo para a mesma. Ao chegar ao local de destino, o autor observou que a modernização se mostrava através das plantações de soja, milho e arroz em propriedades de larga escala, podendo ser vistas já a partir da estrada; também observou, na cidade, mudanças ao analisar a arquitetura das construções presentes ali, características culturais locais nessas construções se contrastando com as dos novos habitantes, assim como meios de locomoção locais, como com jegues, em contraste com os automóveis modernos e importados utilizados por aqueles que diziam estar levando modernização para o local.

Não se contentando apenas com a observação das imagens e superfícies ali existentes, Alves realizou contato com moradores da região, incluindo camponeses, projeteiros e autoridades locais, obtendo assim maiores informações acerca do que de fato estava ocorrendo por trás da dita modernização. Sendo divulgada por meios de comunicação e até mesmo pelo Estado, foi descoberto pelo autor através de conversas e entrevistas com os indivíduos já citados que essa modernização carregava consigo diversos complicadores, como o fato de o Estado direcionar políticas públicas para o desenvolvimento dos cerrados, mas estas não surtirem efeito nos setores direcionados ao bem-estar da população, por exemplo.

Ademais, em campo, Alves (1997) também pôde verificar que as condições dos setores de saúde e educação eram precárias, refletindo em uma falta de investimento, além de que as estradas estavam em situações perto de inviáveis de serem transitadas. Somando-se a isso, o trabalho de campo realizado pelo autor contribuiu para mais descobertas; Alves tinha a noção de que veículos de comunicação verbalizavam que a modernização no local era benéfica pois, dentre outros motivos, fez com que crescesse o número da população camponesa empregada e recebendo salário, e em campo foi em busca da veracidade disso.

Assim, ao conversar com camponeses e projeteiros da região sul do Piauí, o autor descobriu que estes, na verdade, continuaram pagando salários ínfimos para seus empregados, que não possuíam trabalho fixo, e sua mão de obra sendo solicitada apenas em momentos de pico das colheitas. Com este campo, Alves também obteve informações acerca de um elemento constituinte da modernização local, as migrações; verificou-se que havia uma corrente migratória de pessoas das regiões Sul e Sudeste para os cerrados do Piauí, uma parcela sendo de famílias ricas que possuíam o investimento como o objetivo, e outra de grupos despossados, estes, em entrevista com Alves (1997), relatando que venderam seus antigos lotes em outras regiões para tentar investimento em terras do Piauí.

Assim, fez-se necessário a socialização de detalhes acerca da experiência e conhecimentos obtidos pelo autor durante o trabalho de campo relatado para que, posteriormente, a compreensão de sua afirmação sobre a relevância do trabalho de campo fosse compreendida. Dessa forma, Alves (1997) explicitou que esse método é demasiadamente útil para a realização de pesquisas, pois

ele representa uma oportunidade de compreender melhor determinadas manifestações da realidade, as quais, na maioria das vezes, somente com trabalho de gabinete não conseguiríamos nem ao menos perceber. (...) a observação de uma dada paisagem possui, dentre outras dimensões, a riqueza de colocar em contato direto o investigador com o objeto investigado (p. 88).

Ampliando os horizontes bibliográficos, Gaboardi e Panho (2016) também acreditam na importância do trabalho de campo, afirmando assim que essa ferramenta é fundamental para a formação acadêmica de um geógrafo, pois é algo essencial para a associação entre a teoria e a prática e viabiliza um contato direto com o objeto a ser estudado, além de que contribui para a formação do pesquisador como cidadão. Para além disso, as autoras afirmam que a sociedade atual, impulsionada por efeitos da globalização, é demasiada complexa, sendo assim necessária a ocorrência de contato direto com um objeto a ser estudado, já que estes podem sofrer influências tanto internas quanto externas. Todavia, justamente por conta dessa complexidade, quando em campo os pesquisadores precisariam ser cautelosos, possuindo ciência prévia das dinâmicas e também redes presentes no local de pesquisa.

Além do mais, Gaboardi e Panho (2016) também afirmam que na área da Geografia Agrária, o trabalho de campo como ferramenta de pesquisa possui suma relevância, pois, dentre outras razões, este é “essencial para barrar as transmissões das fortes ideologias burguesas e latifundiárias sobre o rural” (p.3). Para melhor ilustrar esse cenário, assim como Alves (1997), as autoras também discorreram acerca de um trabalho de campo realizado pelas mesmas, para reafirmar, baseado em suas próprias experiências de pesquisa, a importância dessa ferramenta metodológica.

Para contextualizar a região onde o campo ocorreu, sendo essa o Noroeste do Paraná, as autoras explicitaram que neste local houve um processo modernizador na agricultura e também uma especialização voltada para a monocultura, quimificação e financeirização no setor agropecuário, o que acarretou danos sociais, econômicos e ambientais. Além disso, foi afirmado que o capital se apossou do território de camponeses, passando a exercer controle sobre os processos de produção desse grupo de indivíduos, moldando a agricultura camponesa de acordo com interesses do próprio capital. Também foi socializado que nesse contexto, o MST integrou-se com a Via Campesina Internacional em 1990,

objetivando a construção de um modelo de desenvolvimento da agricultura que garantisse a soberania alimentar como direito dos povos de definir sua própria política agrícola, bem como a preservação do meio ambiente, o desenvolvimento com socialização da terra e da renda (Gaboardi e Panho, 2016, p. 7).

Após essa explicação acerca do cenário do local visitado, as autoras discorreram suas experiências de campo em si. Ambas visitaram 3 assentamentos do MST, o Roseli Nunes, em Amaporã; Oziel Alves Pereira, em Santa Cruz de Monte Castelo; e Pontal do Tigre, em Querência do Norte. Caminhando em direção contrária ao agronegócio, Gaboardi e Panho (2016) afirmam que “alguns grupos e famílias visitadas vêm encontrando na Agroecologia uma forma de produzir alimentos saudáveis e diversificados, livres de agroquímicos e que lhes proporcionem uma maior autonomia de produção e comercialização” (p.8). No primeiro assentamento, observaram uma agricultura diversificada e revezamento de atividades entre as famílias; no segundo, perceberam um foco na olericultura agroecológica, havendo a produção hortaliças, mudas, ervas medicinais, além de descobrirem que as famílias desse assentamento estavam conseguindo alcançar maiores autonomias, tanto na produção quanto no financeiro; no último assentamento observou-se produção de cultura do arroz irrigado, assim como a produção de bolachas destinadas para alimentação em escolas.

Por fim, após relatar como o campo se realizou, Gaboardi e Panho (2016) retomam à discussão acerca da importância do trabalho de campo, principalmente no cenário vivenciado por elas, pois segundo elas, considerando as mudanças que ocorreram no cenário do espaço rural brasileiro, impulsionadas por um processo modernizante no setor da agricultura, “o contato com a realidade é significativo para o entendimento das relações que extrapolam o âmbito econômico” (p. 10). O trabalho de campo seria indispensável, então, pois o contato direto com o objeto a ser estudado contribui para melhores e mais concretas interpretações acerca da atuação de agentes internos e externos em determinado lugar. Ao observar de perto a realidade no Noroeste do Paraná, Gaboardi e Panho (2016) puderam descobrir um novo cenário, composto de muita resistência contra os modelos da agricultura voltado à produção para exportação, podendo então concluir que “a Agroecologia vem dando novos sentidos as atividades produtivas, respeitando a natureza e criando ideais de cooperação e solidariedade” (p. 11), e o trabalho de campo foi, nesse sentido, de suma relevância para essa conclusão.

Relevância do trabalho de campo para o ensino de Geografia

Como visto até o presente momento, o trabalho de campo se constitui como uma ferramenta de extrema importância para a geografia desde a sua gênese. Mesmo com mudanças e evoluções científicas, ocasionando no surgimento de novas tecnologias e formas de fazer geografia, por exemplo, foi mostrado que o trabalho de campo, mesmo com possíveis controvérsias, segue sendo defendido como um método relevante para a realização de pesquisas. Todavia, para além de apenas esse âmbito, o campo possui capacidade de ser utilizado também como ferramenta didática no ensino do conhecimento geográfico. Assim, através de pesquisas bibliográficas e por conseguinte suas leituras, será exposto aqui a visão de cinco diferentes autores acerca da importância do campo como recurso pedagógico.

Iniciando por Tomita (1999), a autora defende o trabalho de campo como método de demasiada importância para compreender e ler o espaço, tornando assim possível uma relação mais intrínseca entre a teoria e a prática. Todavia, para que o campo seja agregador para o ensino de geografia, é importante que este não ocorra por acaso; precisa ser trabalhado, por exemplo, de acordo com o tema estudado naquele momento, pois ao levar um estudante a campo, o mesmo necessita de uma base de conhecimento prévio, para que o exercício de fortalecer a teoria através da prática seja possível de ocorrer.

Ademais, a autora também acredita que é com o trabalho de campo que “o aluno fará o aprendizado e passará a entender as contradições e o processo de apropriação da natureza, entendendo o porquê da dinâmica que ocorre no espaço” (p. 14). Por fim, Tomita (1999) finaliza afirmando que para o ensino de geografia, o trabalho de campo por si só não basta, sendo necessário que durante a saída os estudantes colem dados, materiais, realizem entrevistas, observem e anotem aquilo observado, para que, ao retornar à sala de aula, aquilo visto do lado de fora continue sendo trabalhado dentro da escola.

Prosseguindo, Rodrigues e Otaviano (2001) acreditam que nos ensinos fundamental e médio, o trabalho de campo deveria sofrer maior valorização, pois tal ferramenta possui capacidade para tornar mais concretos os conteúdos que os estudantes dessas fases escolares aprendem em sala de aula. Isso ocorreria, pois, ao ter contato a realidade daquilo visto na escola, novas dimensões acerca dos conteúdos teóricos surgiriam, agregando assim ao conhecimento dos alunos.

Contribuinte também para auxiliar o aluno a compreender de outras maneiras as dinâmicas sociais que possuem o espaço como palco, o trabalho de campo não deve, porém, ser utilizado apenas para uma mudança na rotina das aulas ou visto como apenas um passeio; para que haja aprendizagem, o campo precisa ser previamente preparado e seguir critérios pré-estabelecidos. Nessa perspectiva, Rodrigues e Otaviano (2001) propuseram um guia metodológico acerca do trabalho de campo baseado em experiências vividas no dia a dia do ambiente escolar. Assim, defendem a ideia de que ao planejar um trabalho de

campo com estudantes, deve-se considerar três pontos: a preparação, a realização e os resultados/avaliação. Seria necessário, então, um conhecimento prévio do professor acerca do lugar do campo para que este tenha capacidade de auxiliar os alunos na compreensão das dinâmicas daquele espaço; durante o campo, os estudantes necessitariam de realizar observações e anotações para que, posteriormente, em sala de aula estes sejam analisados e interpretados, essa dinâmica sendo imprescindível para a realização de um campo que agregaria, de fato, ao conhecimento da classe.

Somando-se às perspectivas apresentadas até o momento, Silva, Silva e Varejão (2010) também discorrem acerca da significativa relação entre o trabalho de campo e o ensino da geografia nas salas de aula. Segundo os autores, os indivíduos são únicos e cada local singular; assim, o trabalho de campo seria importante para estudantes ao impulsioná-los construir um olhar mais crítico acerca da realidade plural do mundo, além de auxiliá-los a compreender melhor a teoria ao realizar a prática e também a conectar o conteúdo teórico com suas próprias realidades e cotidianos.

Todavia, para que isso se concretize, o campo necessita de um planejamento pelo professor para que essa ferramenta não acabe se tornando apenas um passeio escolar ou uma aventura; há a necessidade de que os alunos compreendam o objetivo do trabalho de campo, para que, ao encontrar-se no local, eles consigam observar o que visualizam com um olhar crítico, interpretativo e associando aquilo com a teoria vista dentro das quatro paredes da sala de aula. Por fim, segundo Silva, Silva e Varejão (2010) afirmam que o pós-campo é de extrema importância, pois este seria um momento de problematizar e discutir aquilo que foi visto e analisado e, por conseguinte, de construção de conhecimento. Assim, o trabalho de campo, na visão dos autores, seria uma forma fundamental de compreensão da realidade e fortalecimento do aprendizado do aluno, isso sendo feito de forma mais prazerosa e também curiosa através do campo.

Por fim, Scortegagna e Negrão (2005) também contribuíram para o debate acerca da relevância do trabalho de campo como uma ferramenta

didática. Os autores afirmam que “é no campo que o aluno poderá perceber e apreender os vários aspectos que envolvem o seu estudo, tanto naturais quanto sociais” (p. 37), além de que o campo também permite que o estudante aproxime a teoria com o seu cotidiano através da prática, assim como observe e interprete o lugar em que vive e, por conseguinte, produza seu próprio conhecimento. Também discorrem acerca de formas de realizar um trabalho de campo, considerando sua categoria/papel, objetivo das atividades, visão de ensino, modelos científicos existentes, relação de ensino/aprendizagem e lógica predominante, mostrando assim que existem diversas formas de abordagem em campo e que todas elas podem ser utilizadas como um instrumento didático.

Considerações finais

Após as pesquisas bibliográficas realizadas, notou-se que mesmo séculos desde sua gênese, o trabalho de campo segue se relacionando à geografia. Mesmo com os questionamentos acerca da validade dessa ferramenta, conclui-se aqui que, mesmo sendo possível a realização de pesquisas geográficas através de ferramentas utilizadas dentro de um gabinete, ou o ensino de geografia dentro de uma sala de aula, o trabalho de campo constitui-se como um método que agregará beneficentemente à tais situações.

Assim, o contato com as ideias dos autores aqui trabalhados e a observação da convergência das ideias destes torna possível a conclusão de que, caso realizado de forma adequada, o trabalho de campo pode-se tornar essencial para melhores resultados. Ao observar as bibliografias acerca da importância do campo para pesquisa, viu-se uma concordância acerca da relevância dessa ferramenta para compreender melhor as realidades analisadas, a de Alves (1997), por exemplo, sendo diferente da imagem que veículos de comunicação diziam ser; em relação ao ensino de geografia nas escolas, foi unânime a opinião de que, se realizada com preparo, o campo pode consolidar

nos estudantes os conteúdos teóricos estudados, além de aproximá-los com suas próprias realidades.

Dessa forma, defende-se aqui a mesma linha de pensamento dos sete autores abordados no presente trabalho. Desde a realização da leitura de Alves (1997) em março do presente ano, para a disciplina GEO310 – Trabalho de Campo I, ofertada pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, a autora deste trabalho já começou a observar o campo como de suma importância; após as pesquisas realizadas com as bibliografias aqui apresentadas, tal visão apenas se fortificou. Assim, a conclusão realizada aqui é de que, mesmo sendo possível estudar determinado local através da tela de um computador, por exemplo, o contato direto com o objeto, em grande parte dos casos, será mais agregador, principalmente no âmbito dos estudos sociais, tendo em vista que a realidade se constitui de forma diversa e dinâmica, e aqueles que a vivenciam possuem capacidade de interpretá-la de uma forma melhor.

Referências bibliográficas

- ALVES, V. E. L. Trabalho de Campo: uma ferramenta do geógrafo. Geosp. São Paulo: SP, n.2, p. 85-89, 1997.
- GABOARDI, Carla Shaiane; PANHO, Leila Maria. A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA: REFLEXÕES ACERCA DA QUESTÃO AGRÁRIA NO NOROESTE DO PARANÁ. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, São Luís, MA, p. 1-12, 2016.
- HISSA, C. E.; REGINA DE OLIVEIRA, J.; REGINA DE OLIVEIRA, J. O TRABALHO DE CAMPO: REFLEXÕES SOBRE A TRADIÇÃO GEOGRÁFICA - DOI 10.5216/bgg.v24i1.4131. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 31-41, 2008.
- RODRIGUES, A. B., & OTAVIANO, C. A. (2012). Guia metodológico de trabalho de campo em geografia. Geografia, Londrina, v. 10, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 2001.
- SCORTEGAGNA, A.; NEGRÃO, O. B. M. Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. Terra e Didática, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 36-43, 2015.
- SILVA, J. S. R. da; SILVA, M. B. da; VAREJÃO, J. L. Os (des)caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na geografia. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 12, n. 3, p. 187-197, set./dez. 2010.
- TOMITA, L. M. S. Trabalho de Campo como instrumento de Ensino em Geografia. Geografia: Revista do Departamento de Geociências, Londrina, v.8, nº1, p. 13-15, jan./jun.1999.